



A RELAÇÃO ENTRE EVANGELIZAÇÃO E MISSÃO: SUJEITO, CONTEÚDO E FORMAS DA EVANGELIZAÇÃO.

Klaus Andreas Stange¹

A evangelização e a missão são uma realidade – no Brasil e em todas as partes do mundo.

Também no protestantismo histórico do Brasil e, mais especificamente no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, percebemos como ao longo dos últimos 20 anos, e mais intensamente nos últimos 7 anos, a evangelização e a missão receberam novo acento e ênfase.² Por conta da expansão das *religiões de espírito*³, a estagnação no crescimento de igrejas do protestantismo histórico, e a diminuição de recursos financeiros vindos de igrejas irmãs, a IECLB se vê obrigada a rever suas ênfases e prioridades. Nesse sentido, a direção da igreja tem colocado o tema *missão* como prioridade de sua agenda: organizou o fórum de missão em julho de 2006. A partir das decisões tomadas no XXV Concílio da Igreja, em outubro de 2006, em Panambi/RS, decidiu revisar e atualizar o PAMI – Plano de Ação Missionária da IECLB (*Missão de Deus, Nossa Paixão*) para que ele sirva como impulso e orientação para o avanço missionário da igreja nos próximos 5 anos (2008-2012); na esfera regional e local, os Sínodos e as Comunidades da IECLB têm se mobilizado e refletido sobre a missão da igreja.

Em resumo, citando um trecho do novo PAMI, “a IECLB é desafiada a usar todas as suas capacidades, dons e recursos para a tarefa comum de traduzir a riqueza de sua herança espiritual para as novas gerações, no

1 Klaus A. Stange (Ms.) é professor de Teologia Prática e Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Luterana de Teologia – FLT.

2 Cf. palestra proferida pelo pastor presidente da IECLB, Walter ALTMANN, em um simpósio de missão na cidade de Neuendettelsau, Alemanha, em 24.11.2007. A palestra se encontra neste endereço eletrônico: http://www.luteranos.com.br/attachments/LUTERANOS/servicosieclb/materiais/missao_palestra_baviera.doc

3 Terminologia usada por Antônio GOUVÊA MENDONÇA; Prócoro VELASQUES FILHO. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola 1990.

contexto brasileiro”.⁴

A partir desse prisma, o texto que segue tem o objetivo de contribuir com reflexões e impulsos práticos para a relação do binômio *evangelização* e *missão*. O texto está dividido em duas partes, sendo que na primeira procuramos destacar a compreensão de *evangelização* e *missão* na perspectiva bíblico-teológica, enquanto que na segunda parte, procuramos levantar impulsos práticos para a evangelização e missão a partir de três teses que perguntam pelo sujeito, pelo conteúdo e pela forma da evangelização.

I. REFLEXÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA

1. Compreendendo o termo *evangelização*

A palavra *evangelização* é derivada da palavra *Evangelho*. Ela é composta pelo prefixo *ευ* e pela raiz *αγγελ*. Na língua grega, encontramos as seguintes variantes: *η αγγελια*, *αγγελικς*, *αγγελλειν* e o *αγγελος*. De forma composta, encontramos o verbo - que expressa uma ação: *ευαγγελιζειν* ou *ευαγγελιζεσται*; encontramos a palavra em sua forma nominal - expressando a causa da qual se trata: *το ευαγγελιον* ou *η ευαγγελια*, e na forma nominal expressando a pessoa que está ligada à causa: *η ευαγγελιστης*.⁵

Para que possamos compreender corretamente o sentido do termo *evangelização*, convém verificarmos o seu sentido na LXX: quando o AT (LXX) usa as expressões mencionadas acima, as palavras expressam a idéia de uma notícia de alegria. Em seu sentido profano, é associada à linguagem militar para designar a boa notícia de uma vitória, por exemplo, (2Sm 4.10).

“Trazer uma notícia” encontra seu correspondente hebraico no termo *בִּשְׂרָה*⁶; é usado nos Salmos (Sl 39; 67.1-2; 95) e nos profetas (Is 40.9; 52.7; 60.6; 61.1; Jl 2.32; Na 1.15). Muito interessante é observarmos o contexto em que o termo aparece: 4 vezes ele aparece em ligação com as palavras *σωζειν* e *σωτηρια* (salvar/salvação. Cf. Is 52.7; 61.1; Joel 2.32), 2 vezes (Is 52.7; Na 1.15) em relação ao termo *פֶּשַׁע* (paz) e 2 vezes (Is 40.9; 52.7) o termo é correlacionado com uma proclamação do Reino de Deus. Também é importante observarmos que a maioria desses textos veterotestamentários é citada no NT, também em contextos nos quais

4 Cf. Walter ALTMANN, (cf. nota 2), em: http://www.luteranos.com.br/attachments/LUTERANOS/servicosieclb/materiais/missao_palestra_baviera.doc

5 Lothar COENEN (Ed.). *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*. Vol. 1. 3. Ed. Wuppertal: Brockhaus 1983, p. 295-301.

6 Ernst JENNI; Klaus WESTERMANN (Eds). *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. Vol. 1. München: Chr. Kaiser; Zürich: Theologischer Verlag 1984, p. 904

se anuncia *salvação*. Portanto, consideramos importantes os textos do AT (LXX), e há de se perceber que eles contribuem para que se possa compreender o sentido das palavras *Evangelho* e *evangelização* no NT. No nosso entendimento, o termo *ευαγγελιον* deriva seu sentido do AT. No AT, *ευαγγελιον* é a boa notícia que proclama a vinda escatológica do Reino de Deus.

Uma vez verificado o sentido da palavra no AT, podemos nos deter a compreender o sentido da palavra *ευαγγελιον* no NT. Encontramos a palavra *ευαγγελιον* nos títulos dos Evangelhos. Marcos inicia seu Evangelho escrevendo: *Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus!* De fato, o título expressa bem o conteúdo. Nos Evangelhos, por um lado, Jesus é aquele que anuncia o Evangelho, a boa nova (Mc 1.14ss) e, por outro lado, após a Páscoa, Jesus mesmo se torna o conteúdo do Evangelho. Em especial o apóstolo Paulo, em suas cartas, coloca Jesus Cristo como o conteúdo do Evangelho (Rm 1.1-4; 1 Co 15. 1-5; Ef 1.13).

É importante observarmos que nesses textos novamente o termo *Evangelho* é citado em contextos nos quais se fala de salvação. Também fazemos a observação que do ponto de vista terminológico não se faz distinção entre a proclamação do Evangelho diante da comunidade ou diante de pessoas que nunca o ouviram. Em outras palavras, o termo *ευαγγελιον* é usado por Paulo tanto para dirigir-se à comunidade cristã, como no âmbito da missão (suas viagens missionárias). Sem dúvida, *ευαγγελιον* é terminologia de missão.

Precisamos ainda mencionar o texto de Ef 4.11 no qual Paulo cita os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres com a tarefa de *preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado...* Apesar da lista de “ministérios”, não se pode concluir a partir desse texto que, nessa época do NT, já havia um ministério específico de evangelista. Antes, a tarefa de proclamar as boas novas era tarefa de todos os representantes da comunidade (Exemplo: Felipe – At 8) e, em última análise, era tarefa de toda a comunidade (exemplo: Ananias – At 9.10ss).⁷

Cabe-nos agora verificar como o termo *evangelização* foi usado ao longo da história da igreja. Aqui nos deparamos com uma dificuldade: o termo praticamente não aparece ao longo da história cristã. Isso pode indicar que, durante muitos anos, a evangelização não desempenhou um papel significativo na história da igreja. Algumas razões para esse “silêncio”

⁷ Para um estudo e compreensão a respeito da evangelização no contexto da Igreja Primitiva remetemos ao excelente livro de Michael GREEN. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova 1989.

poderiam ser:

a) a expansão da igreja a partir da Europa, em grande medida, foi compreendida como cristianização dos povos, não poucas vezes uma cristianização à força.

b) Deve-se considerar que, por muitos anos, a Igreja foi estatal. Sua preocupação não era despertar as pessoas para a fé, mas garantir a influência política, organizacional e ética em todas as dimensões da sociedade.

c) Por isso, o termo *evangelização* somente ganhará expressão no início do séc. XIX, quando a igreja na Europa precisa reconhecer que uma boa parcela de seus membros se tornou em membros nominais, alheios aos conteúdos da fé. Nesse contexto, os termos *evangelização*, *missão e missão interna* são destacados. Numa citação de David Bosh:

*Apesar de o termo “evangelizar” e seus termos derivados serem relativamente freqüentes no NT, os mesmos praticamente foram esquecidos no período da Idade Média. Apenas no início do séc. XIX o verbo “evangelizar” e seus derivados “evangelismo” e “evangelização” novamente foram reabilitados em seu uso pela igreja e pelos círculos de missão. Os termos receberam especial destaque por causa do slogan: a evangelização do mundo nesta geração.*⁸

Conclusões preliminares:

Uma análise dos termos ligados à evangelização revela que evangelização é o anúncio da pessoa de Jesus Cristo e, através de Jesus, do agir salvador de Deus em favor de todo o mundo e de cada pessoa. A proclamação do Evangelho tem seus precursores nos que anunciavam boas novas na Antigüidade e recebe especial significação a partir do NT, na pessoa de Jesus Cristo. Em grande medida, a evangelização novamente recebeu destaque porque, por um lado, a participação das pessoas na vida da igreja deixou de ser algo “automático” e, por outro lado, uma parcela da igreja – em especial também composta por leigos – desejava novamente aproximar o Evangelho dessas pessoas distanciadas da igreja. Fizeram isso através de uma proclamação evangelística da Palavra.

2. Compreendendo o termo *missão*

Ao pesquisarmos o termo *missão* no NT, deparamo-nos com a dificuldade de este não ser mencionado no NT. Como definir o termo a partir das Escrituras?

A palavra *missão* provém do latim *missio* e significa *envio*. O

⁸ David BOSH. *Missão transformadora. Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal 2002, p. 489.

termo *missio*, entendido como tarefa e cumprimento de um envio que está a serviço de uma fé religiosa, não encontra correlato lingüístico no NT ou no AT.⁹ No entanto, o assunto, o tema, a causa da missão está firmemente amparada no NT (Mt 28.16-20; Jo 20.21). Termos correlatos são $\pi\epsilon\text{--}\mu\pi\epsilon\iota\nu$ = enviar e $\alpha.\pi\omicron\sigma\tau\epsilon\text{--}\lambda\lambda\epsilon\iota\nu$ = apóstolo = enviado.

Apesar de muitas discussões em torno de uma definição do termo missão, podemos afirmar:

a) a comunidade primitiva se sabia enviada. A missão é tarefa dos discípulos e de toda a comunidade.

b) O envio da comunidade era derivado do exemplo de Jesus Cristo, do envio do Filho pelo Pai ao mundo, que na teologia convencionamos de chamar de *paradigma da missio Dei*.¹⁰ Não por último, também os profetas do AT são um exemplo de envio de Deus ao mundo (comunidade).

c) O *ide a todo o mundo* inicialmente foi compreendido como sendo o limite do império romano. (Paulo) Contribuiriam para tal o direito romano, a cultura, a língua e as vias romanas.

d) Aparentemente a expansão (missão) acontece sem grandes estratégias missionárias. O testemunho ($\mu\alpha\rho\tau\iota\rho\iota\alpha$) e a testemunha ($\mu\alpha\rho\tau\iota\rho$) promoveram a missão.

Ao adentrarmos a história da igreja, especialmente no período subsequente ao séc. IV, percebemos que desde o Imperador Constantino a *missão* foi compreendida muito mais em termos de uma cristianização. De forma pontual fazemos algumas breves ponderações:

a) nesse período, são as ordens monásticas do Ocidente que, através de uma “espiritualidade de longo prazo” e não de sucesso imediato, na prática, realizaram a missão.¹¹

b) Com a conquista das Américas pelos portugueses e espanhóis, pela primeira vez se usa o termo missão para designar a expansão da fé para novos territórios conquistados. Missão é compreendida como a expansão dos domínios da igreja.

c) No âmbito protestante, apenas com o Pietismo de Spener, Franke e Zinzendorf há um trabalho missionário no intuito de evangelizar pagãos.¹²

9 Otto BETZ. Artigo *Mission*, in: TRE. Vol. 23, p. 23-31.

10 Cf. David BOSH. *Missão transformadora*, p. 466-469; George VICEDOM. *Missão como obra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal 1996.

11 David BOSH. *Missão transformadora*, p. 283-290.

12 Cf. Klaus A. STANGE. *N. L. von Zinzendorf – a compreensão e a práxis de missão dos irmãos Morávios*, in: Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. Vol. XIII, n. 2, p. 74-91.

d) Um novo acento é dado para a missão e a evangelização a partir do avivamento americano e anglo-saxão ocorrido nos séc. XVIII e XIX.

e) A maioria das organizações missionárias nasceu como movimentos, movidos pela paixão de líderes cristãos pelos não-cristãos. Só mais tarde esses movimentos foram integrados nas estruturas da igreja.

f) A partir do Congresso Mundial de Evangelização, ocorrido em Edimburgo, em 1910, encontramos uma mistura dos termos *missão* e *evangelização*. Nos desdobramentos subseqüentes a Edimburgo, percebe-se uma tendência à polarização, que pode ser resumida em dois tópicos:

- De um lado, a missão é compreendida muito mais em termos do anúncio (proclamação) do Evangelho e, do outro lado, a ênfase é colocada na busca por mudanças no cenário político-social (econômico) de um determinado contexto.
- De um lado, enfatiza-se a justificação individual do pecador e a paz com Deus, do outro lado, enfatiza-se a justiça e a paz na terra – que inclui as estruturas – como centro da missão.

Os Congressos de Lausanne de 1974 e 1989, bem como a Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, que se reuniu em 1989, demonstraram que essas polarizações podem ser superadas.

Finalizando este tópico, queremos ainda apontar brevemente para alguns desafios atuais para a missão e para uma “teologia da missão”. Se por um lado precisamos constatar uma certa “crise” no âmbito da missão¹³, por outro lado, somos desafiados para a reflexão em torno de uma “teologia da missão”. Questões centrais para a vida da igreja precisam ser clareadas e atualizadas para dentro de novos contextos. E esse processo está em construção!

Nesse contexto, podemos falar de uma certa ambivalência na missiologia. Em que sentido? Quais são as grandes questões?

a) A relação entre “igrejas velhas” e “igrejas novas”. Na sua compreensão clássica, a missão era concebida num modelo, numa relação de sujeito → objeto: de um lado estava o missionário, o ativo, o sujeito; do outro lado estava o pagão, o inculto, morador do mundo dos $\frac{2}{3}$, objeto da missão, o passivo. Essa compreensão de missão está superada – ou pelo menos abalada. Não é mais possível definir a missão em termos geográficos.

b) O paradigma da *missio Dei*: “A missão nos é dada, presenteada, já está aí, está presente → não é criada, organizada ou administrada”.¹⁴

13 David BOSH. *Missão transformadora*, p. 17-29.

14 Werner USTORF. *Missionswissenschaft*, apud: Martin WERTH. *Theologie der Evangelization*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag 2004, p. 38.

A *missio Dei* é provavelmente o paradigma de teologia da missão mais difundido. Tem o grande mérito de colocar ou deslocar a compreensão de missão da eclesiologia para a trindade: sujeito da missão é o próprio Deus trino. Contudo, por mais positiva que seja a contribuição da *missio Dei*, colocando um centro teológico e não antropológico na missão, a proposta possui sua fraqueza na falta de precisão de como a *missio Dei* acontece na prática. As possibilidades de se interpretar a *missio Dei* são muito amplas.

c) O sentido ou o significado das religiões: como a fé cristã se relaciona com as demais religiões? A fé cristã deveria assumir uma postura exclusiva, inclusiva ou pluralista? Como lidar com tradições (milenares) de fé em outras religiões? É justo simplesmente descartá-las como sendo um erro humano, um caminho equivocado de salvação? Notemos que o fervor que se encontra nessas religiões muitas vezes é mais autêntico do que o fervor que se encontra entre os cristãos! Certamente não é simples responder a essas questões com honestidade e fidelidade às Escrituras.

d) O sentido/significado da cultura: a cultura é puramente um produto humano ou ela foi criada por Deus?

e) O estilo da missão: em grande medida, nossos alvos irão determinar nosso estilo missionário. Nesse sentido, precisamos perguntar: a igreja pretende despertar pessoas para a fé em Jesus Cristo? Ela quer fazê-lo tanto com pessoas que se tornaram alheias à fé como com pessoas que nunca ouviram a respeito de Jesus Cristo? Ela vai aproximar-se das pessoas de forma dialógica, através da convivência?

1. A relação entre evangelização e missão

A evangelização é uma parte da missão. Missão descreve o envio abrangente da Igreja como parte do envio de Deus ao mundo e às pessoas deste mundo, em cujo centro se encontra a evangelização como anúncio/proclamação dos atos salvíficos de Deus em Jesus Cristo. Nas palavras de David Bosh:

Eu sugiro que missão seja um conceito muito mais amplo do que evangelização. Missão é toda a obra que Deus confiou à Igreja para a salvação do mundo. A missão, portanto, tem a tarefa de transpor as fronteiras entre a igreja e o mundo. Missão significa ser enviado por Deus para amar, para servir, para orar/interceder, para ensinar, para curar. Evangelismo é o coração, o centro da missão. Ele consiste na proclamação da salvação em Jesus Cristo para os que não o amam, anunciar perdão de pecados, consiste em chamar as pessoas ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo, implica convidar as pessoas a se integrem e viverem como membros da comunidade terrena de Jesus Cristo e a iniciarem uma vida

no poder do ES.¹⁵

II. UM CAMINHO PARA FOMENTAR A EVANGELIZAÇÃO: PERGUNTAS PARA A NOSSA REFLEXÃO

No contexto do protestantismo brasileiro, é consenso que cada comunidade cristã é comunidade missionária. Podemos dizer o mesmo no âmbito da IECLB, como o expressa o lema do Plano de Ação Missionária (PAMI): *nenhuma comunidade sem missão, nenhuma missão sem comunidade!* No que diz respeito à evangelização, ela é mencionada no PAMI como a *primeira pétala* através da qual se recriam e criam comunidades. O sentido dado pelo PAMI para a palavra *evangelização* é amplo, abrangente, integral: *evangelização contempla o bem-estar físico, material, espiritual, emocional, social, político e ambiental. Ela é integral e visa paz e justiça no sentido mais amplo da palavra (=shalom).*

Gostaríamos de sublinhar essa compreensão abrangente da evangelização. De fato, o Evangelho não se resume a um evento verbal, mas alcança o ser humano em sua integralidade. O Evangelho é boa notícia que tem implicações para todas as dimensões da vida humana, é salvação que engloba tanto a dimensão das relações humanas quanto da justificação do pecador e a esperança da consumação do Reino de Deus.

No que segue, procuramos apresentar um caminho, dar impulsos para a práxis da evangelização. Temos como objetivo contribuir para o fomento da evangelização na comunidade cristã. É certo que as contribuições que seguem são um recorte: iremos nos ater a refletir a evangelização na sua dimensão da proclamação. Os impulsos para a evangelização enquanto proclamação são apresentados na forma de perguntas que querem instigar a reflexão. Os eixos que perpassam as perguntas são a pergunta pelo sujeito da evangelização, a pergunta pelo conteúdo da evangelização e a pergunta pela forma da evangelização.¹⁶

1. Quem se torna uma pessoa evangelisticamente atuante? O sujeito

15 David BOSH. *Mission and Evangelism*, in: Martin WERTH. *Theologie der Evangelization*, p. 61. Destaque-se também que, a partir da contribuição latino-americana, a missão e a evangelização são compreendidas de forma integral – cf. C. René PADILLA. *Que es la misión integral?* Buenos Aires: Ediciones Kairós 2006.

16 Cf. Christoph MORGNER. *Jesus verkündigen, Glauben wecken, Menschen gewinnen*. Dillenburg: Gnadauer Verlag 2000.

da evangelização

Em nossos dias, facilmente a comunidade cristã é tentada a responder aos desafios da evangelização, perguntando por métodos. Principalmente no contexto evangelical, pastores, líderes e comunidade perguntam pelos métodos, procuram materiais, analisam as possibilidades. No entanto, é preciso que se busque por fundamentos mais sólidos. Responder aos desafios da evangelização com receitas prontas é o mesmo que construir sobre a areia: não há sustentação e, mais cedo ou mais tarde, vem a frustração. Por isso, a primeira coisa a ser feita é perguntar pelas raízes, pelas motivações que subjazem ao ímpeto missionário-evangelístico.

1.1 Aquele que é constrangido pelo amor de Deus

No início de tudo está o amor de Deus. Por amor, Deus sai à procura do ser humano (*Adão, onde estás?*). A procura de Deus pelo ser humano encontra seu ápice na pessoa de Jesus Cristo. Na pessoa de Jesus Cristo fica evidente o quanto Deus está interessado no ser humano (1Tm 2.4). Deus vem ao nosso encontro! Ele é um Deus missionário. Em Belém da Judéia, de forma contundente, Deus manifesta sua ação de salvar, *nosso mundo tem salvação!* A partir do agir de Deus em favor da humanidade, cada pessoa é agraciada com portas abertas, há perspectivas, há promessas.

Portanto, o ponto de partida é a *missio Dei*. Na medida em que o ser humano é alcançado pela *missio Dei*, na medida em que ele é agraciado com a fé em Deus, o amor de Deus o contagia e o constrange. Nesse sentido, a comunidade de Jesus Cristo, alcançada com o amor de Deus, agraciada com a fé, não faz missão por iniciativa própria, mas é envolvida e impulsionada pela missão de Deus. É a missão de Deus que impulsiona a comunidade cristã para a diaconia, para a evangelização e para um envolvimento caloroso de cada membro na comunidade.

Contudo, é um mito ou uma ilusão acharmos que a comunidade cristã automaticamente é missionária. Se assim fosse, então no seio da comunidade cristã não haveria dificuldades em ir ao encontro das pessoas, em procurá-las e amá-las como Deus o faz com cada um. Por isso, é preciso que a comunidade cristã seja sempre de novo encorajada para a missão, com impulsos teológicos e práticos.

Nas últimas décadas, muita coisa tem sido dita e muita coisa se escreveu a respeito da missão e da evangelização. Ainda assim, sempre de novo a comunidade cristã necessita perguntar: por que as coisas estão emperradas? Por que há tantas dificuldades em romper barreiras? Por que a comunidade cristã (especialmente as comunidades ligadas ao protestantismo histórico) raramente recebe novos membros que não sejam acrescentados

por motivos de transferência ou crescimento natural? Certamente a essas questões não se responde exclusivamente com estratégias ou métodos. Uma coisa é certa: não falta para a comunidade cristã o indicativo de Deus. *O amor de Cristo nos constrange* (2Co 5.14). Seu amor é a mola propulsora, o motor, o compasso que dá o rumo do agir missionário. Esse amor de Cristo *foi derramado em nossos corações* (Rm 5.5). Se há a impressão (nem sempre é só uma impressão) que a evangelização na comunidade cristã está tão pobre (mediocre), talvez caberia uma reflexão a respeito da qualidade da pregação, se nela não se encontra um déficit no anúncio do Evangelho? Que tipo de Evangelho é anunciado? Talvez a comunidade cristã devesse se perguntar pelas *barreiras* que atrapalham a comunidade de agir constrangida pelo amor de Cristo? Entre outras respostas, queremos sugerir duas:

a) legalismo.

Uma comunidade que ouve pregações legalistas se torna uma comunidade doente. Na pregação legalista, Lei e Evangelho, indicativo e imperativo são misturados. A obra de Jesus não é suficiente, precisa ser complementada através de ações humanas (fé, decisão, conversão), que adquirem caráter salvífico.

Uma pregação legalista é reconhecida através de expressões como: *sim, mas... Deus te ama, mas...* Por um lado, a salvação em Jesus Cristo é anunciada, por outro lado, ela é relativizada na medida em que outros elementos humanos são acrescentados.

Uma pregação legalista também acontece lá onde há uma prática de batismo que não distingue *promissio* e *fides* – promessa e fé. Nesse caso, faz-se do batismo um ponto final e não um ponto de partida, túmulo da comunidade e não o seu nascedouro (berço). Nesse caso, encontramos uma comunidade que foi batizada, mas não necessariamente todos responderam com fé ao seu batismo. Em outras palavras: a evangelização e a missão derivam da fé, são consequência da fé. Mas como podemos esperar que a comunidade seja missionária, tenha amor pelas pessoas que vivem sem Cristo, se ela própria – em boa parte de seus membros – ainda não compreendeu o amor de Deus?

Conseqüências: uma pregação legalista gera cristãos inseguros. E quando não há clareza de fé, há conseqüências desastrosas para a evangelização, pois o testemunho para fora fica comprometido. Cristãos inseguros sempre irão comunicar insegurança. Por isso a comunidade se isola num gueto. Vive a fé só para si. Além disso, esse tipo de comunidade tende ao conservadorismo. Não se quer fazer nada errado! Mas quem deseja atuar de forma missionária, precisa estar disposto a correr riscos,

não pode estarrecer.

b) paralisia interna na comunidade.

Muitas vezes, o testemunho da comunidade fica comprometido porque em seu interior há tensões, algumas vezes também ameaças de divisões. A atmosfera está envenenada; às vezes, essa situação já perdura por anos. Pessoas na liderança da comunidade não se relacionam bem. Contudo, Jesus mesmo já advertiu que um reino dividido contra si mesmo não tem como subsistir diante do inimigo externo (Mt 12.25). Toda energia é gasta com tensões internas.

Nesse contexto se ignora que a forma como são tratadas as diferenças, a maneira como são administrados conflitos, reflete-se nas pessoas que participam na comunidade: pessoas podem ser agregadas, mas pessoas também podem ser afastadas da comunidade (Jo 13.35).

Conclusão: cabe à comunidade cristã sempre de novo perguntar pelas barreiras que atrapalham ou impedem a evangelização e missão. O que paralisa a comunidade? Quando a comunidade se submete a essa reflexão, ela fica protegida de trocar “os bois pela carroça”, de colocar as estratégias no lugar da essência: o amor de Deus.

Creemos que as pessoas que nos são confiadas na comunidade precisam de forma renovada experimentar e se apropriar do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo para nossa salvação. Viver com alegria a fê! Essa alegria contagia de forma positiva, tanto para fora da comunidade, como no próprio ambiente da igreja. É necessário que o Evangelho seja pregado de forma clara, centrada na pessoa de Jesus Cristo, que conduza a comunidade a olhar para Cristo e perceber o que ele fez por nós. Somente aquele que foi atingido e envolvido pela *missio Dei* vai empenhar-se para que também outras pessoas sejam envolvidas pelo amor de Deus.

1.2 Aquele que se orgulha (de forma sadia) de seu “produto”

Onde os membros de uma comunidade estão convencidos do valor de seu “produto” ali se pode esperar um empenho evangelístico-missionário. Podemos aprender algumas coisas das leis do mercado: somente quando um vendedor está convencido do valor de seu produto, ele terá êxito para vender. O mesmo vale para a comunidade: quem está convencido do tesouro que possui, será capaz de convencer e ganhar outros para a mesma causa.

Como cristãos, somos pessoas privilegiadas. Não somos melhores do que os outros, mas somos privilegiados. É um privilégio poder crer, é um privilégio poder construir a vida sobre um fundamento que sustenta na vida e na morte. É um privilégio poder orar em qualquer situação e saber

que as orações não batem em ouvidos surdos. É maravilhoso ser cristão: tudo o que o cristão necessita, ele encontra na pessoa de Jesus Cristo.

Quando a comunidade cristã é permeada por esse privilégio, estão ela se torna positivamente orgulhosa do que tem. A comunidade sabe o que Jesus Cristo representa para ela, sabe quão precioso é o tesouro! *Não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos!* (At 4.20,29). Porém, quando falta essa clareza, dificilmente a comunidade estará apta a testemunhar a fé a outros. Muitas vezes, a comunidade nem deseja isso, ela se contenta em viver a própria fé. Na realidade, o coração não está cheio, por isso a boca não transborda (Mt 12.34).

1.3 Aquele que anseia e deseja que outras pessoas cheguem à fé em Jesus Cristo

O anseio e o desejo para que pessoas que ainda não crêem cheguem à fé em Jesus Cristo é uma das mais importantes molas propulsoras para a evangelização e missão. Quando olhamos para a história da igreja, encontramos centenas de relatos, biografias de irmãs e irmãos na fé que são um exemplo de paixão pelas pessoas. Com muita criatividade e com muito esforço, muitas vezes em circunstâncias totalmente avessas, evangelizaram e foram ao encontro das pessoas. Neles percebe-se sua paixão pelas pessoas que ainda se encontram diante da porta da comunidade. Quando a comunidade cristã vive com essa paixão, com esse desejo e anseio, ela corresponde ao estilo de vida de Jesus. Jesus via as pessoas diante de si *aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor* (Mt 9.36). Essa motivação de Jesus é necessária para a comunidade cristã.

Contudo, a comunidade cristã corre o risco de se deixar impulsionar para a missão e evangelização por outros motivos: quando no final do ano ela realiza seu balanço e se depara com apertos financeiros, por exemplo. A liderança da comunidade começa a ficar assustada quando na igreja há mais espaços vazios do que lugares ocupados. Então a comunidade cristã começa a se preocupar e perguntar: “Como podemos avançar e crescer? O que se pode fazer? Como os lugares vazios poderão ser preenchidos?”. Nesse caso, a motivação missionária da comunidade deriva de suas necessidades eclesiais, mas não deriva da abundância e da riqueza do amor de Cristo. Esse tipo de motivação, por mais compreensível que possa ser, não corresponde à natureza do Evangelho e à dignidade das pessoas. Nesse caso, a evangelização serviria como um projeto para renovar um caixa deficitário, elevar a reputação de algum líder eclesial, garantir a sobrevivência da estrutura eclesial. Se não for o amor que impulsiona a comunidade, então a comunidade não é digna das pessoas que ela quer

alcançar, pois as transforma em objeto para atender seus próprios fins.

1.4 Aquele que teme a Deus

Deus tem o propósito de santificar o seu nome entre os homens, ele quer edificar o seu Reino, ele deseja que a sua vontade seja feita na terra como ela é feita no céu. Dito em outras palavras: quando na comunidade cristã se fala de evangelização e missão, não se trata em primeiro lugar das pessoas, mas de Deus. Não são as necessidades da comunidade que estão em primeiro lugar, mas o direito e a vontade de Deus. Deus quer ser Deus entre sua comunidade, ele deseja ser respeitado, honrado e amado. Porque a comunidade ama e teme a Deus, é por isso que ela se deixa engajar na evangelização e na missão (2Co 5.11). Visto na perspectiva da pessoa evangelizada, é um direito de todo ser humano ser convidado para viver em comunhão com Deus. O Evangelho é dádiva, não só para a igreja, mas para toda a humanidade. E, mesmo que a igreja viva a partir do Evangelho, ela não tem um fim em si mesma, mas precisa inserir-se no mundo para anunciar o Evangelho.¹⁷

1.5 A pessoa que se dispõe a mudanças

Evangelizar tem tudo a ver com disposição para mudar: o que precisa mudar? Paulo enfatiza: *Não se conformem ao esquema deste mundo*, das pessoas que nada querem saber de Deus e que não conhecem a Jesus Cristo (Rm 12.2). Positivamente falando, Paulo coloca o acento na mudança que deve acontecer na vida do cristão: *transformem-se...* Paulo não está dizendo: “Transformem as pessoas ao redor de vocês, transformem a sociedade!”. Não, ele diz, “Transformem-se vocês!”.

Se a comunidade cristã deseja frutificar no campo da evangelização, é imprescindível que ela se disponha para mudanças: Paulo não espera de seus ouvintes que eles se tornem cristãos para o cristão Paulo. Paulo anda o caminho inverso: ele se torna para o judeu, um judeu... (1Co 9.19ss). Paulo muda a sua postura e, dessa atitude resultam mudanças na vida daqueles que carrega no coração.

Onde a comunidade cristã precisa mudar? Que mudanças precisam acontecer na sua postura para com as outras pessoas, na sua maneira de falar (linguagem), nos seus costumes, nos temas que ela aborda, nas formas (liturgia) como realiza seus cultos e programas? Seria o caso de Deus confiar novas pessoas para a comunidade cristã na mesma medida em

17 Cf. Eberhard JÜNGEL. *Referat zur Einführung in das Schwerpunktthema*, in: *Evangelische Kirche in Deutschland – Synode Leipzig. Reden von Gott in der Welt*. Leipzig 1994, p. 14-35

que ela, como comunidade cristã, se dispuser a se deixar corrigir e estiver aberta para mudanças?

2. Do que nós falamos, quando evangelizamos? O conteúdo da evangelização

O centro deste sub-capítulo é a pergunta pelo conteúdo na proclamação do Evangelho: o que a comunidade cristã tem para dizer? O que é central para a proclamação evangelística?

2.1 A redenção em Jesus Cristo

Como já explicitamos no início deste segundo bloco, ao falarmos de evangelização, referimo-nos à proclamação pública que anuncia a salvação em Jesus Cristo, enquanto convidamos com as palavras do apóstolo Paulo: *deixem-se reconciliar com Deus!* (2Co 5.20). O objetivo é que pessoas mudem o seu jeito de pensar e agir próprio e que conheçam a Deus, sejam agraciadas com a fé, coloquem-se no caminho do discipulado e se deixem engajar no serviço à comunidade e ao mundo. Se antes eles *estavam mortos em suas transgressões e pecados... vivendo sem Deus no mundo* (Ef 2.1,12), se antes eles se ajoelhavam diante de altares de deuses falsos, agora são chamados a *servirem o Deus vivo e verdadeiro* (1Ts 1.9). Aqui, no nosso entendimento, reside o centro da missão – evidenciado pela evangelização.

A comunidade cristã anuncia uma boa notícia: *A vocês nasceu hoje o salvador!* (Lc 2.11). O salvador está aí! O Reino de Deus está próximo (Mc 1.45). Deus volve o seu rosto em favor da humanidade, ele está a procura e busca o ser humano como seu interlocutor. Por isso, como mensageira desse Deus, a comunidade cristã não comunica simplesmente informações, mas comunica amor e redenção. Na medida em que acontece a pregação, o próprio Senhor vem às pessoas.

Este é o conteúdo da evangelização: *Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo* (2Co 5.19). Não se trata em primeiro lugar de pregar arrependimento, decisão ou a necessidade de conversão: o conteúdo de nossa evangelização são *os grandes feitos de Deus* (At 2.11).

2.2 A fé

Toda vez que a comunidade cristã comunica o Evangelho, de alguma maneira ela transmite para as pessoas uma imagem de fé. Fundamental é que essas imagens sejam adequadas e que correspondam ao Evangelho. Nesse sentido, a comunidade cristã e, principalmente seus pastores, têm uma grande responsabilidade. Uma falsa imagem de fé pode resultar em

uma fé do tipo “eu acredito em Deus” ou em uma fé moralista: “um cristão é uma pessoa bem-educada”, ou em uma fé tradicional: a pessoa cresceu num ambiente de fé cristã, continua a cultivar essa tradição sem, contudo, ser interiormente tocada por essa fé. A pessoa crê, mas a fé é muito mais algo que se aprendeu do que algo que se vive.

Contudo, crer é antes de tudo viver numa relação correta com Deus. Tanto a Bíblia como os Reformadores descrevem três elementos que fazem parte da fé. Nenhum dos três elementos ou das três dimensões deveria ser negligenciada:

a) Fé como confiança – *fiducia*.

Aqui a fé é compreendida como confiança, de todo o coração, pessoalmente se crê. É esse tipo de fé que permite ao cristão chamar Deus de *abba, pai!* (Rm 8.15). Fé significa estar numa relação de filiação e de amor. Deus ama o ser humano, e o cristão ama a Deus. Nessa relação de fé, o cristão tem prazer de viver no discipulado, ele se encontra intimamente ligado ao Senhor. Há plena confiança em Deus. Vários hinos cristãos expressam essa relação de fé. (Ex. “Em Jesus amigo temos, mais chegado que um irmão...”).

b) Fé como conhecimento – *notitia*.

Aqui a fé se baseia no que se conhece de Deus. A base dessa fé não é definida por sentimentos ou expectativas, mas por fatos bem objetivos e sólidos que Deus colocou no mundo (2Tm 1.12, Jo 6.69). Por isso, para que alguém possa crer, é imprescindível que a pessoa conheça o que Deus tem feito e o que ainda fará. Implica crescer no conhecimento (2Pe 3.18). Por isso, a fé não está dissociada da reflexão e do estudo. *Crer é também pensar*:

c) Fé como consentimento – *assensus*.

Aqui Deus diz algo sobre o ser humano. Ele o faz na forma de Lei e Evangelho. Seu falar atinge o ser humano, desestabiliza-o, pois revela o seu pecado. Ao mesmo tempo, esse falar de Deus traz alegria, pois o ser humano ouve a boa notícia: *em nome de Jesus Cristo, teus pecados estão perdoados!* O ser humano dá razão a Deus, porque ele está convencido de que aquilo que é dito sobre ele e sobre o mundo, confere. *Deus emite seu juízo sobre a humanidade e sobre o mundo. Crer significa consentir com o veredicto de Deus.*¹⁸

Conclusão: a pregação da comunidade cristã precisa contemplar todas as dimensões da fé. Se ela enfatiza unilateralmente a fé enquanto *fiducia*, isso resulta em uma fé emotiva, que se reduz aos sentimentos.

18 Hans J. IWAND. *A justiça da fé*. São Leopoldo: Sinodal 1981.

Se ela enfatiza unilateralmente a fé enquanto *notitia*, desenvolve-se uma espécie de fé intelectual, que se reduz a um conhecimento sobre algo. Se a comunidade enfatiza unilateralmente a fé enquanto *assensus*, desenvolve-se uma fé rude, que não consegue alegrar-se com a Palavra de Deus.

Cabe a comunidade e, especialmente, aos seus pastores, perguntarem: “Há clareza quando se prega a respeito da fé? Que tipo de imagem e que tipo de cristianismo é mediado através de pregação?”. Essa pergunta é especialmente válida no contexto da pregação evangelística! Nas reuniões de presbitério, de liderança comunitária, quanto é dialogado a respeito do conteúdo da mensagem proclamada? Que lugar a comunidade cristã dá para a nossa formação continuada na fé?

2.3 A resposta humana

A mensagem do amor de Deus espera pela resposta positiva do ser humano.

A comunidade cristã proclama uma mensagem de amor. O amor sempre quer envolver a outra pessoa. Assim também o amor de Deus para com o ser humano tem o objetivo de desencadear nele um eco positivo, uma resposta positiva. Pois, um amor unilateral não é completo, é um amor infeliz.

Na medida em que o Evangelho é anunciado, ao mesmo tempo o ser humano é convidado a receber o Evangelho; em outras palavras, as pessoas são convidadas para a fé em Jesus Cristo. Por isso, a tarefa da proclamação evangelística não é cumprida na medida em que se diz: “Deus te ama”. Na pregação evangelística, conscientemente deve ser enfatizado que o ouvinte pode e deve corresponder ao amor de Deus. Deus espera pelo ouvinte e pelo seu amor. Só então é que o amor de Deus para conosco alcança seu propósito.

A resposta humana não acrescenta nada de novo ao agir salvador de Deus. Apenas reage ao seu amor e recebe esse o amor como válido para si. *Aquilo que se tornou verdadeiro na pessoa e obra de Jesus Cristo para todas as pessoas, isso pode e deve tornar-se realidade na vida de cada pessoa. Por isso o amor de Deus precisa chegar a todos em todo mundo.*¹⁹

2.4 O horizonte do juízo

É legítimo, na pregação evangelística, falar-se do juízo de Deus? Em anos passados, no contexto do Pietismo, pregou-se muito sobre o juízo

19 Eberhard JÜNGEL, op. cit., p. 26

de Deus. Às vezes, os pregadores eram classificados: “Fulano fala muito do juízo de Deus. Ciclano fala muito pouco sobre o juízo de Deus”. Na realidade, a pergunta pelo muito ou pelo pouco apenas revela que não há clareza a respeito do tema. Não se trata de pregar demais ou de menos sobre o juízo: trata-se de pregar de forma correta ou falsa. Nesse caso, há duas possibilidades:

a) Muitos pensam: a mensagem a respeito do juízo final de Deus não corresponde ao amor de Deus ou o contradiz. Por isso, não se prega sobre o juízo. O inferno permanece frio e vazio. Contudo, exatamente porque Deus ama o ser humano, ele o julga. O ser humano é a coroa da criação de Deus (Sl 8). Ele é agraciado por Deus com uma multiformidade de dons (Mt 25.14ss). O ser humano é capaz de prestar contas. Deus o leva a sério. Por isso ele pergunta pela vida do ser humano. Deus não é indiferente. Portanto, no juízo final, ele vai pedir prestação de contas do ser humano. O juízo deriva de nossa dignidade humana.

b) Por outro lado, aqueles que acham que em suas pregações deveriam sempre de novo acentuar o juízo de Deus, não esquecendo de pintar diante dos ouvintes cenários correspondentes, deveriam considerar o seguinte: toda vez que Jesus fala do juízo de Deus, é impressionante observarmos que ele não o faz em relação aos publicanos e pecadores, mas o diz aos seus discípulos (Mt 24ss) ou o diz para os piedosos de seu tempo, que viviam seguros de sua fé (Mc 12.1ss). Os “ais” de Jesus não se aplicam aos que tem consciência de seus pecados, mas aos que são auto-seguros e olham com superioridade sobre seu próximo.

O anúncio do direito de Deus sobre o ser humano e de seu juízo querem destacar o elemento da urgência. O filho perdido deveria urgentemente voltar para casa, apropriar-se da salvação e ser salvo (At 2.40; 17.31).

3. Como nós anunciamos o Evangelho? A pergunta pela forma

A forma e/ou os métodos que a comunidade usa para anunciar o Evangelho estão em segundo plano, mas, nem por isso, podem ser negligenciados. É possível que uma boa parcela das dificuldades que a comunidade cristã sente em convidar pessoas para a fé em Jesus, em grande parte residem na própria comunidade, por ela negligenciar ou esquecer os princípios dados nas Escrituras.

Um texto clássico que orienta a comunidade em seu trabalho missionário é o conhecido texto de Paulo à comunidade de Corinto (1Co 9.19-23). Desse texto pode-se depreender alguns princípios para a prática missionária.

3.1 Em sua prática missionária, a comunidade cristã partilha o mesmo caminho andado por Deus: a encarnação (v. 23). A base de toda prática evangelística é dada a partir da encarnação de Deus em Jesus Cristo (Jo 1.14). Para ter o ser humano junto a si, Deus se encarnou, tornou-se gente como nós. Ele veio ao encontro do ser humano e conosco repartiu a sua vida. Agindo dessa forma, Deus está dando o princípio que haverá de nortear toda a práxis missionária da comunidade: a encarnação.

3.2 Em sua prática missionária, o estilo de trabalho da comunidade é determinado pelo caminho andado por Deus (v. 19). Espontaneamente, Paulo torna-se escravo de todos. Ele vive, pensa e age a partir das pessoas que gostaria de alcançar com o Evangelho. Ele age movido pelo amor de Cristo que o constrange. De forma conseqüente, ele se coloca diante das pessoas.

Na maioria das vezes, a comunidade cristã ocidental tem enormes dificuldades com esse princípio. Geralmente, quando se planeja uma atividade evangelística, a comunidade usa a si mesma, seus membros, as suas experiências como critério de forma. Certamente a comunidade cristã tem as suas necessidades e as suas expectativas. Porém, não são elas que podem se tornar em critério de forma para alcançar pessoas de fora da comunidade com o Evangelho. Não se trata da comunidade, mas daqueles que a comunidade gostaria de alcançar com o Evangelho. Por isso, não é decisivo o gosto ou a preferência individual dos membros de uma comunidade, mas decisivo é aquilo que favorece a pessoas não cristãs para que venham a conhecer e se achegar a Jesus Cristo. Essa é a medida que deveria avaliar todos os elementos que constituem os cultos e programas da comunidade cristã. Não se trata, em primeiro lugar, das preferências pessoais da comunidade, mas da disposição desta em definir o seu estilo a partir do caminho que lhe foi dado pelo próprio Senhor.

As tradições nas quais a comunidade se encontra e às quais ela é devedora, nesse caso, são ambivalentes: elas podem preservar, mas também podem frear a missão. Por isso, a tarefa da comunidade, a partir do Evangelho, é ir além de suas tradições e perguntar por novos elementos que possam ajudar a ir ao encontro das pessoas, moldar a liturgia.²⁰

3.3 No seu trabalho evangelístico, a comunidade cristã é contagiada

²⁰ Confira, entre outros, a série “Colméia”, editada pela IECLB com subsídios para uma liturgia com sentido e criatividade. Nelson KIRST. *Série Colméia*. São Leopoldo: Sinodal 1993.

pela alegria do Evangelho (v. 23). Se o Evangelho é boa notícia, então a forma como a comunidade o comunica poderia e deveria ser marcada pela alegria. O Evangelho cria pessoas felizes. Essa alegria é mediada na evangelização. Evangelizar tem a mesma dimensão da fé: quer aliviar o peso e não ser um fardo; quer ser um anseio, não uma exigência. Quer ser alegria e não uma tarefa que a comunidade se vê obrigada a realizar, às vezes, de má vontade. Se o trabalho evangelístico se tornou uma carga para a comunidade cristã, ela precisa perguntar-se em que medida a *missio Dei* ainda é seu impulso maior, que a inflama. A atmosfera, o ambiente em que se reúne a comunidade cristã deveria ser acolhedor e contagiar com a alegria.

3.4 No seu trabalho evangelístico, a comunidade cristã cultiva as relações (1Ts 2.8). Muitas pessoas não chegam à fé por causa de pressupostos que elas têm em relação à fé cristã. Elas trazem suas imagens a respeito da igreja, do pastor, dos “crentes”, da Bíblia. De fato, nunca conheceram a realidade da fé cristã, mas carregam seus pressupostos. Estes sempre têm um efeito negativo. Eles funcionam como uma vacina que deixam as pessoas imunes ao Evangelho. Por isso, o Evangelho é rejeitado: “isso eu já conheço, já sei no que vai dar...”

O detalhe é que pressupostos não são derrubados com melhores argumentos, nem com asseverações contrárias. Pressupostos são superados através de relações vivas, naturais, que não se impõem. No convívio normal com cristãos, com paciência e com simpatia, as barreiras são removidas. Nas relações com outras pessoas, a comunidade não tem como esconder o que fundamenta a sua vida (Mt 5.14ss). Por outro lado, há de se rejeitar toda forma de relacionamento instrumental, no qual o cristão se aproxima de pessoas com o único intuito de rapidamente levar alguma vantagem na evangelização. A história da evangelização recente demonstra que, via de regra, só se deixam convidar para os cultos e programas aquelas pessoas com as quais já existia algum tipo de relacionamento.

3.5 No seu trabalho evangelístico, a comunidade cristã usa de criatividade e variedade de formas. As pessoas são diversas, por isso a comunidade necessita de diversidade de formas para vir ao encontro delas. As formas deveriam corresponder às pessoas de nosso tempo.

É necessário que a comunidade cristã, sempre de novo, procure reavaliar a sua caminhada. Como ela pode cumprir com a sua vocação de comunicar o Evangelho, de ser luz e sal neste mundo? Como o Evangelho

pode ser traduzido e re-significado para as novas gerações? A reflexão em torno do sujeito, conteúdo e forma da evangelização nos deram algumas pistas.